

25-01-2021

## ***“Onde você está nesta lama?”***

**Dois anos de Brumadinho (MG)**

**Ricardo Fernandes Gonçalves**

[Doutor em Geografia. Prof. Univ. Est. Goiás. Pesquisador do Grupo PoEMAS - Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade]

*“Oi meu diamante, onde você está nesta lama?? Você não merecia isso meu amado filho!! Te amarei para sempre... tenho certeza ... você estará comigo no paraíso. Jesus prometeu isso... eu tenho fé...”<sup>1</sup>*

As palavras acima, escritas por uma mãe ao filho, e enviadas a Ele por WhatsApp, dias após o rompimento da Barragem 1, em Brumadinho (MG), permanecem em seu celular como memória de uma tragédia que não tem fim.

No dia 25 de janeiro de 2019, essa mãe soube que seu filho estava entre as dezenas de desaparecidos nos escombros do desastre da Vale. Dois anos se passaram e a dor aguda provocada pela perda se mistura à dor por não ter velado o corpo do filho.

Do jovem sorridente nas fotos expostas em quadros e álbuns familiares, só foi encontrada e identificada a perna direita.

Seu corpo foi rasgado pelo peso da lama-rejeito de minério de ferro. Por isso, o questionamento agoniado da mãe - *“onde você está nesta lama?”* - ainda ressoa triste e sem resposta.

É manhã de 25 de janeiro de 2021, outra mãe de uma das 270 pessoas mortas pelo desastre da Vale - sendo 3 grávidas e 11 ainda desaparecidas (25-01-2021) - após uma noite de insônia, levanta com passos lentos, caminha até a sala e observa, em silêncio e lágrimas, o quadro do retrato de formatura da filha.

Minutos depois a mesa do café da manhã está organizada para receber as duas netas que ficaram órfãs. As três sentam, miram uma quarta cadeira vazia e, por um minuto, os olhares comunicam o sofrimento que aquela ausência continua provocando. A perda, o luto e as lembranças tecem os dias dessa família fraturada pelo desastre da Vale; um desastre que não passa para essa e outras dezenas de famílias que permaneceram menores e com um grande vão de alegria e amor em seus lares.

Uma terceira mãe, após ler diversas mensagens em um grupo de WhatsApp que reúne pessoas impactadas pelo desastre da Vale em Brumadinho, permanece em silêncio. Diversos familiares, amigos, filhos, mães e pais lembraram que nesta data, dia 25 de janeiro, seus entes falecidos serão homenageados no cemitério local. A visita ao cemitério avulta uma tradição que inclui flores, queima de velas, orações e mensagens deixadas nos túmulos.

É uma forma de serenar o luto que lateja em cada pessoa que perdeu alguém querido. A mãe que manteve o mutismo inconformado está entre uma das 11 famílias de vítimas que seguem desaparecidas; 11 pessoas, trabalhadoras e trabalhadores que sorriram, amaram e foram amadas, abraçaram, emocionaram e sonharam; 11 mulheres e homens que continuam sem túmulos para que amigos, pais ou filhos

possam visitá-los, rezar pelos falecidos ou lembrar-se deles conforme suas crenças. As mães em três distintas situações de dor, luto, lembranças e homenagens no dia em que se completa dois anos do desastre em Brumadinho-vale do rio Paraopeba, sublinham as faces de uma tragédia difícil de ser interpretada; impossível de ser mensurada.

As implicações desse desastre-crime possuem escalas complexas, que tocam não só ambientes, paisagens e territórios, mas corpos que se tornaram guardiões de afetos e lembranças dolorosas; existências enredadas num continente de saudades. Há mães, pais, filhos, amigos e vizinhos que, de repente, passaram a lidar com o vazio abissal de um abraço, um sorriso, uma companhia e um aperto de mãos. Centenas de pessoas continuam lutando por reparações dos danos que sofreram e ainda sofrem no amanhecer e no anoitecer dos dias. Contudo, de modo diferenciado, cada sujeito defronta com a matéria e a escala das perdas provocadas pelo desastre-crime da Vale.

Perdas infinitas, para as quais as explicações abrigadas em palavras ou números não alcançam, são inexauríveis.

Como mensurar a ausência de um beijo e um abraço da mãe ou do pai no cotidiano dos filhos? Como explicar em palavras escritas a falta das gargalhadas entre amigos que se reuniam nas partidas de futebol? O calor de encontros entre irmãos e irmãs que não existem mais cabe em algum número? As histórias tecidas no decurso de anos de casamento e o companheirismo da esposa interrompidos por toneladas de lama-rejeito protagonizarão o enredo de algum romance? Os dois anos do desastre-crime da Vale representam não só um toldo de dor e tristeza estendido sobre Brumadinho. Em Brumadinho dezenas de homens e mulheres morreram trabalhando e isso expõe feridas que estavam e continuam abertas no Brasil, antes e depois de 25 de janeiro de 2019. Há nesta data - e em todos os dias - um retrato dramático de um país no qual milhares de trabalhadores continuam experimentando algo em comum, o adoecimento e a morte no trabalho.

A lama-rejeito que jorrou no vale do Paraopeba é também a metáfora da miséria de um país que continua adoecendo e matando seus trabalhadores e trabalhadoras.

Cabe interpretar o lugar em que nos encontramos: a miséria de um país no qual trabalhadoras e trabalhadores se acidentam, adoecem e morrem cotidianamente.

Por isso, resta fazer da memória do desastre-crime da Vale matéria de consciência política em luta e defesa da saúde e alegria plenas no trabalho e na vida; fazer da memória desse evento extremo consciência crítica contra o modelo de mineração que fere a terra e o corpo de mulheres e homens que subsistem nos arrabaldes da dignidade e da justiça.

E, devido a isso, em Brumadinho e no país inteiro, milhares de mães se encontram em uma única voz interrogativa:

***“onde você está nesta lama?”***

\*\*\*

Fonte:

1 - Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2020/10/quase-dois-anos-depois-familiares-de-11-vitimas-de-brumadinho-sinda-nao-velaram>>. Acesso em: 17/01/2021.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.